

DAS NOTÍCIAS DO JORNAL DO BRASIL AOS RELATOS DO THE AIDS MEMORIAL: RESSONÂNCIAS E DESLOCAMENTOS DA MEMÓRIA COLETIVA SOBRE A EPIDEMIA DA AIDS

Lucas de Freitas Santos²

André Bonsanto³

Deyvisson Pereira da Costa⁴

Suely Henrique de Aquino Gomes⁵

Mestre em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, UFC

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, UEM

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMT

Professora aposentada da Universidade Federal de Goiás, UFC

{RESUMO}

A partir dos conceitos de memória coletiva de Halbwachs e de memória cultural e comunicativa de Assmann, este trabalho tem o objetivo de pontuar as ressonâncias e reposicionamentos do dispositivo da Aids no Brasil. Para isso, açãoando o método genealógico de Foucault, este trabalho faz uma contraposição entre as memórias constitutivas do dispositivo da Aids na década de 1980, a partir das notícias publicadas pelo *Jornal do Brasil* (RJ), e as novas memórias que integram esse dispositivo, a partir das publicações feitas entre janeiro e junho de 2023 na página do Instagram @theaidsmemorial. Nesse movimento, foi identificado um jogo de poder e resistência que, para além de desestabilizar e atualizar o dispositivo da Aids, constitui novas redes de apoio e existência para os acometidos pelo vírus hoje.

Palavras-chave: Aids; Instagram; Jornal do Brasil; mídia; memória.

{ABSTRACT}

Based on Halbwachs' concepts of collective memory and Assmann's cultural and communicative memory, this work aims to highlight the resonances and repositionings of the Aids device in Brazil. To this end, using Foucault's genealogical method, this work contrasts the constitutive memories of the Aids device in the 1980s, based on news published by *Jornal do Brasil* (RJ), and the new memories that integrate this device, based on publications made between January and June 2023 on the Instagram page @theaidsmemorial. This movement reveals a play of power and resistance that, beyond destabilizing and updating the Aids device, constitutes new networks of support and existence for those affected by the virus today.

Keywords: Aids; Instagram; Jornal do Brasil; media; memory.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: lucasfreitas2@egresso.ufg.br.

³ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professor adjunto do curso de Comunicação e Multimeios da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: andrebonsanto@gmail.com.

⁴ Doutor em Comunicação (UFMG), docente na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde lidera o grupo de pesquisa Limiar - Estudos de Linguagem e Mídia (2010) e atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO/UFMT). E-mail: .deyvissen.costa@ufmt.br.

⁵ Professora aposentada titular da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: suelyhenriquegomes@gmail.com.

{INTRODUÇÃO}

Hoje, estão disponíveis memórias sobre a epidemia da Síndrome da Imunodeficiência Humana, a Aids, em museus, livros, trabalhos acadêmicos, jornais, fotografias, produtos audiovisuais e muitos outros espaços. Esses lugares, ao trabalharem tais memórias, geram lembranças sobre esse acontecimento até mesmo naqueles que nasceram depois do auge dessa epidemia. Porém, para os que viveram durante a década de 1980, os noticiários foram os que mais tiveram condições de construir memórias sobre a Aids e os sujeitos acometidos por ela.

Por conta desse espaço privilegiado que os jornais ocuparam, propomos analisar as memórias dos primeiros anos da epidemia a partir do *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro. Fundado no começo do século XIX, Sodré (1999) aponta o periódico como um dos modelos de sua época e um dos jornais brasileiros com maior circulação. Para observar as mudanças entre períodos, o arquivo do jornal será confrontado com as experiências com a doença compartilhadas recentemente no Instagram pelo perfil *The Aids Memorial*. O perfil foi criado em 2016 pelo escocês Stuart, desde então as publicações são feitas a partir de um empenho comunitário que incentiva amigos, parentes e, no caso de figuras públicas, admiradores a compartilharem lembranças sobre pessoas soropositivas⁶.

Para observar esses objetos, interessa a ideia de memória proposto por Halbwachs (1990), que apresentou como subjetivamente constituída e historicamente organizada dentro de uma sociedade. Com essa definição, o autor alarga as fronteiras da memória individual para sinalizar que mesmo as mais particulares das recordações estão afetadas pelo contato com o mundo. Portanto, mesmo a memória individual parte de vetores sociais, já que “se estrutura e se insere na memória coletiva” (Silva, 2002, p. 427).

Tendo em mente essa ideia de memória, também vale destacar que Halbwachs (1990) definiu a memória coletiva como memórias conflituosas, organizadas coletivamente por grupos de pessoas. Nesta concepção, o que marca a vitalidade e a duração da memória coletiva é a experiência dos indivíduos que lembram, já que ela está limitada à duração dos vínculos e das estruturas sociais. Ao tratar desse conceito, Neiger, Meyers e Zandberg (2011) o apontam como uma versão do passado marcada por interesses coletivamente organizados no presente a partir de processos multidimensionais e dinâmicos.

A partir dos dois conceitos explicitados acima, Assmann (2016) cunha sua ideia de memória cultural. O autor reelabora o conceito de memória coletiva com um duplo movimento, um diz respeito à memória comunicativa, equivalente à memória coletiva de

⁶ Kate Kellaway. Instagram's Aids memorial: 'History does not record itself'. The Guardian, Londres, 4 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2018/nov/04/instagrams-aids-memorial-history-does-not-record-itself>. Acesso em: 9 de agosto de 2023.

Halbwachs (1990), e o outro é a ideia de memória cultural. Enquanto a primeira, como já dito, se limita à fragilidade da experiência humana, a segunda se faz a partir de seus objetos, que não possuem memória em si, mas desencadeiam lembranças naqueles que se relacionam com tal artefato, por isso podem ser transmitidas para outras gerações. Essas duas maneiras de lembrar expandem a ideia de memória coletiva, pensada inicialmente por Halbwachs (1990).

Outra dimensão importante, salientada por Assman (2016), é que a memória cultural é um fenômeno mediado. Da mesma maneira, Neiger, Meyers e Zandberg (2011) apontam a memória comunicativa, sob o nome de memória coletiva, como inherentemente mediada. Levando em conta essa característica, este artigo se empenha em observar dois períodos de construção da memória sobre a epidemia da Aids a partir da memória cultural e comunicativa, respectivamente mediadas por um veículo da imprensa e um ambiente virtual.

Essa mediação ocorre via duas dinâmicas descritas por Garde-Hansen (2011). Na memória cultural, acessível através do *Jornal do Brasil*, a mediação se dá por meio do armazenamento dessas informações por uma instituição, que maneja essa memória com o intuito de propagar ou reprimir alguma ideia. Já na memória comunicativa, compartilhada, quase sempre, através de lembranças pessoais em um perfil do Instagram, há um trabalho sobre o passado através do empenho comunitário e cívico das pessoas em disseminar outras facetas das memórias concretizadas culturalmente pelos jornais da época. Evidentemente que no segundo caso há também um trabalho de armazenamento, mas interessa para esta pesquisa o seu empenho em reelaborar a memória da epidemia da Aids.

Tendo em mente as discussões teóricas sobre a memória apresentadas, é importante também apontar a relação dessas ideias com o método aqui acionado: a genealogia de Foucault (2021). Interessado nas relações de poder, “o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2020, p. 101), esse método visa descrever os dispositivos, as relações entre as coisas que sustentam determinado regime de verdade, para relatar as condições de existência histórico-social das coisas e seus significados.

Apesar de Foucault (2021) e Halbwachs (1990) não abordarem as mesmas temáticas, há proximidades entre as dinâmicas presentes nos conceitos de memória e dispositivo. Abarcando o discursivo e o não discursivo, ambos os conceitos constituem relações em uma dada realidade, respondem a uma urgência histórica, e, por conta desses dois

elementos, são sempre motivados. Também é possível aproximar os conceitos a partir dos processos que os fazem funcionar. O dispositivo é constantemente reorganizado diante de novos efeitos que geram atritos entre o novo e o velho, de maneira semelhante, a memória corresponde a um jogo de lembrança e esquecimento que rearticula as relações entre antigas e novas memórias, atritando-as. Além disso, há um aproveitamento dos efeitos inesperados provenientes dos dispositivos em novas estratégias, de forma semelhante, a memória também passa por esse processo na medida em que precisa ser funcional para aqueles que a compartilham.

Diante das relações teóricas e metodológicas estabelecidas entre os autores e conceitos até aqui citados, este artigo propõe descrever as ressonâncias e reposicionamentos no dispositivo da Aids a partir das memórias compartilhadas pelo The Aids Memorial no Instagram, tendo, como pontos balizadores, os primeiros registros da epidemia feitos pelo *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro. Para isso, este trabalho descreve e faz uma contraposição entre a memória constitutiva do dispositivo da Aids na década de 1980 e as novas memórias que integram esse dispositivo a partir das publicações feitas entre janeiro e junho de 2023 na página do Instagram @theaidsmemorial, que reelabora as memórias sobre a Aids na contemporaneidade.

As memórias sobre a Aids no Jornal do Brasil⁷

O dispositivo da Aids foi fundamental para produzir sujeitos e sujeições, inclusive violentas, na sociedade brasileira (SANTOS; COSTA; GOMES, 2023). A partir dos discursos da medicina, da ciência, da psiquiatria e dos meios de comunicação, que ecoavam esses anteriores, uma memória sobre o início da epidemia no Brasil pode ser elaborada. Por isso, interessa trabalhar o dispositivo da Aids a partir das suas relações comunicacionais, mais especificamente a mediação feita pelo *Jornal do Brasil* na década de 1980 e outros elementos que sustentam as relações percebidas no jornal, como estudos sobre a época.

O jornal tem suas edições digitalizadas na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, por si só uma evidência de como a sociedade, através de instituições, organiza a memória. Através da ferramenta de busca disponível no site⁸, foi pesquisado o termo “câncer gay”, recorrentemente utilizado pelos meios de comunicação para se referir a Aids, no *Jornal do Brasil* (RJ) entre 1980 e 1990. Foram encontrados 14 usos do termo pelo jornal. A partir disso, é possível produzir uma breve genealogia dessa epidemia a partir de seus primeiros anos.

⁷ O conteúdo exposto neste tópico é o desdobramento de uma pesquisa anterior. Ver: SANTOS, Lucas de F.; COSTA, Deyvison P. da; GOMES, Suely H. de A. Poder e resistência na invenção midiática da homossexualidade no brasil. Afluente: Revista de Letras e Linguística, São Luís, v. 8, n. 23, jun., p. 253–276, 2023. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/21505>. Acesso em: 16 junho de 2023.

⁸ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hereroteca-digital/>.

Há 40 anos, em 5 de julho de 1983, o *Jornal do Brasil* noticiou a morte de “Marcos Vinícius Rezende de Gonçalves, Markito, 30, de doença diagnosticada como câncer gay, em hospital de Nova Iorque”⁹. O costureiro e figurinista de personalidades da mídia foi tido como uma das primeiras vítimas da Aids no Brasil¹⁰. Posteriormente, informes sobre a epidemia apontaram que, na verdade, o primeiro caso nacional da doença ocorreu em 1980 (GALVÃO, 2002).

Em meio a outras vítimas notórias, como Cazuza (1958-1990), Renato Russo (1960-1996) e Caio Fernando Abreu (1948-1996), a epidemia da Aids pode ser considerada uma ruptura histórica, já que o mundo não foi o mesmo após ela, principalmente para os homens que se deitavam com seus semelhantes. Isso não porque a doença atingia apenas eles, mas por conta, principalmente, dos meios de comunicação que noticiaram repetidamente o “câncer-gay” como um sinônimo para Aids¹¹. Apesar de reforçar tal estigma, contraditoriamente, o jornal publicou textos para alertar os leitores sobre o erro induzido pelo nome cunhado nas mídias¹², mas o termo já parecia incorporado à memória coletiva construída em torno da epidemia.

Para se ter noção do cenário hostil contra esses sujeitos, já no final da década de 1980, na coluna “Cartas” do Jornal do Brasil, Adovaldo José de Castro Fonseca, revoltado com um cartaz que exibia uma mulher com os dizeres “quem vê cara, não vê Aids”¹³, afirma que na verdade deveria haver ali um homossexual, pois “o pederasta - tanto o ativo como o passivo - é que é o grande transmissor desta peste”¹⁴. Esse discurso raivoso também ficou evidente, por exemplo, no documentário de Rita Moreira, onde entrevistados afirmam serem a favor da morte de homossexuais¹⁵.

A partir da década de 1980, em meio aos estigmas da Aids e a essas violências homofóbicas, ambas ainda vivas hoje, o sujeito homossexual tomou forma e foi envolto de muitas memórias (PARKER, 2002; TREVISON, 2018; SANTOS, COSTA, GOMES, 2023). A religião, o Estado, a lei, a ciência e os meios de comunicação se empenharam em definir e distinguir esses sujeitos (PARKER, 2002; TREVISON, 2018; GREEN, 2019; FOUCAULT, 2020), não só a partir de traços e gostos partilhados por eles, mas também a partir da epidemia da Aids. Como aponta Sontag (1989), desde então, receber um diagnóstico de HIV era o equivalente a ser diagnosticado com “homossexualismo”.

Essa relação arbitrária inventada entre as práticas homossexuais e a epidemia da Aids tornou popular a ideia de homossexualidade. Segundo Green (2019), no Brasil, antes da epidemia e da popularização do termo homossexual, era como se aquele que se deixava ser penetrado pelo seu semelhante tivesse uma alma feminina presa em um

⁹ Falecimentos. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1983. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/98789. Acesso em: 1 de junho de 2023.

¹⁰ América aponta três vírus como suspeitos de causar “câncer-gay”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1983. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/99199. Acesso em: 01 de junho de 2023.

¹¹ ANotes Cariocas. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1983. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/100522. Acesso em: 2 de junho de 2023; Sul tem caso de Aids. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1984. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/112364. Acesso em: 2 de junho de 2023; AIDS vitimou 49 em SP em 1 ano. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1984. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/120702. Acesso em: 2 de junho de 2023.

corpo masculino. Esses homens eram conhecidos como “putos”, “frescos”, “viados” e “bichas”, a maioria nem conhecia o termo homossexual - este, restrito apenas a parte de uma elite brasileira, como destaca Parker (2002). Em abril de 1978, a primeira edição do jornal Lampião da Esquina publicou um editorial no qual pretendia se afirmar a partir do termo homossexual, não como uma alma invertida, mas como aquele que tem desejo pelo seu semelhante¹⁶. Essa reivindicação, anterior à epidemia, é um vestígio da distribuição heterogênea desse termo.

Com a Aids, Parker (2002) afirma que ganhou força a ideia de que o homossexual masculino seria o homem que gosta de se deitar com outro homem, não importando mais qual posição ocupa no sexo e se possui ou não maneirismos tidos como femininos. Segundo Trevisan (2018), ao mediar e, por isso, também constituir a epidemia da Aids, os meios de comunicação disciplinaram seus interlocutores sobre quem eram os homossexuais, como se pareciam, o que gostavam, onde se encontravam e outras informações que constituíram um mundo a ser explorado e um modo de existir a ser vivido, a homossexualidade.

Além disso, o conjunto desses fatos também atiçou um instinto bélico contra os acometidos por esse vírus. Isso revitalizou o imaginário de que as pessoas soropositivas eram promíscuas e problemáticas, portanto, de pouco valor para a sociedade. Segundo Sontag (1989), ao combater a doença, a sociedade visava combater o doente que, para a época, era consequência de práticas vistas como anormais e degenerativas. Isso não ficou só no campo social e da moralidade. Ocorreu também na área da saúde. Segundo Trevisan (2018), no Brasil, os adoecidos pela Aids tinham dificuldade para conseguir atendimento através de seus planos de saúde, que se recusavam a tratá-los. Diante desse cenário, fica evidente o estigma instaurado na sociedade ao atrelar as práticas homossexuais à epidemia.

Apesar disso, houve uma movimentação política por parte das pessoas envolvidas na trama da Aids, não só os homossexuais, mas também as lésbicas e as travestis. Isso institucionalizou o movimento como nunca antes. Esse empenho foi “fundamental na construção de uma resposta comunitária e solidária à epidemia que se iniciou em São Paulo e logo foi nacionalizada, tornando-se um modelo internacional” (QUINALHA, 2022, p. 114). Diante dessa ação política, é possível inferir que foi cada vez mais de interesse de ativistas e estudiosos resgatar as memórias dessa época e dessa comunidade.

Alguns desses registros se tornaram muito difíceis de recuperar, pois as vítimas da epidemia da Aids tiveram muitos de seus pertences e registros descartados por seus

¹² Armamento. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1983. Disponível em: http://memoria.bn.br/doacreader/030015_10/100528. Acesso em: 2 de junho de 2023; Leonardo Frajhof. A nova peste. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1985. Disponível em: http://memoria.bn.br/doacreader/030015_10/153745. Acesso em: 2 de junho de 2023; Álvaro Justa. Elvis não requebrou em vão. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de março de 1987. Disponível em: http://memoria.bn.br/doacreader/030015_10/194235. Acesso em: 2 de junho de 2023.

¹³ Campanha educativa de 1988: uso da mulher na peça foi criticado na Constituinte. Agência Senado, 2 de junho de 2023. Imagem: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-che gou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-t error-preconceito-e-desinformacao/imagem-7-manchete/@@images/imagem>. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/aids-che gou-ao-brasil-ha-40-anos-e-trouxe-t error-preconceito-e-desinformacao>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

familiares após suas mortes (QUINALHA, 2022). Apesar disso, algumas iniciativas para retomar essas lembranças já foram organizadas, como a exposição virtual “memórias de uma epidemia”¹⁷, a iniciativa coletiva do “memorial incompleto da epidemia da aids”¹⁸ e o “festival de humor em Aids”¹⁹. Além desses citados, até mesmo os boletins epidemiológicos do HIV²⁰ podem ser reconhecidos como objetos de memória cultural dessa epidemia. Normalmente, essas iniciativas retomam o passado para constituir novos sentidos sobre a epidemia e os acometidos por ela. É também com esse trabalho sobre a memória cultural do início da epidemia que a conta do Instagram @theaidsmemorial ganha destaque no próximo tópico.

A reelaboração das memórias no *The Aids Memorial*

Como já abordado anteriormente, a memória comunicativa, ou coletiva, se dá entre um grupo de pessoas e perdura, em tese, enquanto esse grupo compartilhar práticas significativas. Porém, distante das condições históricas de Halbwachs (1990) e com as mudanças de uma comunicação unilateral para uma ideia onde todos podem falar, esse conceito deve ser tensionado. No ambiente digital, um novo espaço de propagação, a memória comunicativa ganha outras proporções.

Na internet, observa Bornhausen e Baitello Junior (2018), as memórias abrangem um número maior de pessoas em menos tempo. Além disso, Garde-Hansen (2011) afirma ser possível indivíduos agirem tangencialmente aos grandes veículos midiáticos nos ambientes virtuais. O autor também destaca que, em ambientes virtuais, as memórias são trabalhadas em parceria com outros usuários para além de interesses financeiros, diferente dos meios que integram grandes potências econômicas. Como reconhecem Neiger, Meyers e Zandberg (2011), as mídias são espaços de conflitos constantes e, ao que parece, os meios digitais potencializam isso.

Diante desse tensionamento, desde abril de 2016, é possível ter acesso às memórias comunicativas sobre o vírus da Aids no perfil @theaidsmemorial no Instagram. Com cerca de 11 mil publicações e 245 mil seguidores, as memórias sobre pessoas soropositivas são compartilhadas a partir do slogan “o que é lembrado vive”²¹. A página

¹⁴ Adovaldo José de Castro Fonseca. Aids. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1988. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/030015_10/224526. Acesso em: 2 de junho de 2023.

¹⁵ Rita Moreira. Temporada de Caça. São Paulo, 1988. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1bwc3nfcu58>. Acesso em: 2 de junho de 2023.

¹⁶ Conselho editorial. Saindo do gueto. Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, abril de 1978, p. 02. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-lampiao-edicao-00-abril-1978.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2023.

¹⁷ Governo do Estado de São Paulo. Museu da Diversidade Sexual de São Paulo, 2021. Memórias de uma epidemia: Imagens da aids e mídia. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/ewxxowqrkqiviw>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

¹⁸ Casa Um, 2021. Memorial incompleto da epidemia de Aids. Disponível em: <https://memorial.casau.org>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

¹⁹ Fiocruz. Museu da Vida abriga Festival de Humor em Aids. Portal Fiocruz, 04 de outubro de 2007. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/museu-da-vida-abriga-festival-de-humor-em-aids>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

²⁰ Ministério da Saúde. Boletins epidemiológicos: linha do tempo. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/centr ais-de-conteudos/boletins-epidemiologicos-vertical>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

²¹ No idioma original: what is remembered lives.

propõe compartilhar as memórias de pessoas que vivem ou viveram com o vírus através de relatos escritos e registros visuais feitos por amigos, amantes, familiares e até mesmo as próprias pessoas acometidas pelo HIV. Diferente do evidenciado no *Jornal do Brasil*, que abordou os primeiros anos da epidemia através da morte e do sofrimento, o *The Aids Memorial* evidencia a vida e a convivência com o vírus.

No período entre janeiro e junho de 2023 foram compartilhadas 29 memórias sobre brasileiros afetados pela epidemia da Aids que, aqui, foram organizadas em cinco categorias: *pessoas famosas* (1), *pais e mães soropositivos* (2), *trivialidades da vida* (3), *estigmas vividos* (4) e *sobreviventes do vírus da Aids* (5). No entanto, essas categorias metodológicas não pretendem definir limites rígidos e simplistas a tal realidade, mas sim constituir modos de evidenciar facetas não trabalhadas da doença pela memória cultural produzida na década de 1980. Essas categorias foram criadas com o intuito de mostrar partes da história pouco exploradas, um objetivo metodológico proveniente da genealogia foucaultiana.

A primeira categoria, as *pessoas famosas* (1), diz respeito àqueles que possuíam prestígio público²². Esses foram os afetados pela doença que mais puderam constituir e fazer parte da memória cultural da epidemia a partir de experiências diretas com o vírus. Diante dessas memórias, é possível narrar a formação de uma linha de frente pública contra o estigma do HIV.

Nas artes, Paulette e Claudia Wonder fizeram dos palcos um espaço de luta contra as violências a que pessoas soropositivas eram submetidas. Alguns, como Cazuza e Sandra Bréa, fizeram ecoar, pelo alcance de suas falas, discursos acolhedores que divergiam do julgamento moral dominante. Herbert Daniel, através de seus estudos, contribuiu para a construção de um pensamento crítico e social sobre a doença. Já Edgard Gurgel Aranha conseguiu, judicialmente, a assistência médica que convênios particulares recusavam prestar aos afetados pelos vírus, essa decisão pioneira, segundo Barbosa (1993), ajudou outros casos semelhantes. Além disso, Brenda Lee, mesmo não afetada pelo vírus, fundou espaços de acolhimento e tratamento para os acometidos pelo vírus.

Esses nomes notórios não só circulam em inúmeras memórias comunicativas ao longo da história do Brasil, mas também fazem parte de uma memória cultural na qual foram personagens fundamentais para deslegitimar os discursos públicos estigmatizantes que imperavam na época²³ e que ainda ecoam em alguns espaços hoje. Através de suas posições de destaque na sociedade, essas pessoas puderam falar como agentes diretamente afetados pelo vírus, algo incomum no início da pandemia, seja pelo desinteresse das

²² Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/cqhekhvoyhr/> (Lauro Corona, 1957 - 1989, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqi9bkobi3/> (Brenda Lee, 1948 - 1996, PE), <https://www.instagram.com/p/cqonw9bociq/> (Paulo César Bacellar da Silva, 1952 - 1993, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqebzsjolqr/> (Claudia Wonder, 1955 - 2010, SP), <https://www.instagram.com/p/cqqreiwonqz/> (Edgard Gurgel Aranha, 1937 - 1990, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqsq58coebz/> (Cazuza, 1958 - 1990, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqtwmxljitr/> (Sandra Bréa, 1952 - 2000, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqvvl3i1rb/> (Renato Russo, 1960 - 1996, RJ), <https://www.instagram.com/p/co7fdabot6y/> (Florian Raiss, 1956 - 2018, SP) e <https://www.instagram.com/p/cpktnulirtc/> (Herbert Daniel, 1946 - 1992, RJ). Acesso em: 20 de junho de 2023.

mídias em ouvir a versão desses sujeitos marginalizados ou pelo estigma que impedia pessoas soropositivas de virem a público falar sobre suas experiências. Os fragmentos mais acessíveis das memórias dessa época permanecem vivos através deles.

A segunda categoria, os *pais e as mães soropositivos* (2), é dedicada a apresentar uma parte pouco relatada sobre os afetados pelo vírus com o intuito de refratar alguns estereótipos que ainda perduram²⁴. Essas pessoas tiveram filhos e enteados, dedicaram suas vidas ao cuidado de outras e tinham uma vida comum, eram cercadas de amigos e familiares, trabalhavam e se divertiam. Essas vidas representam um lado que parecia não existir nos relatos da época: as pessoas soropositivas que tinham ou tiveram relações sexuais heterocentradas. Elzani Silva foi infectada por seu marido, Carlos Silva, e faleceu dois anos depois dele; Patricia Berro foi infectada da mesma maneira, apesar de não ter morrido em decorrência da doença. No caso de alguns, a morte ainda parece um assunto delicado para os familiares, como na família de Alvear Junior e Ailton Blanco. Já em outras famílias, como na de Francisco Robério e de Isoleida Alves, ter pais afetados pela doença construiu um senso mais empático em relação às pessoas afetadas pelo vírus e as dificuldades que elas enfrentam.

Diante dos relatos midiáticos que diziam que os afetados pela doença eram homossexuais, travestis, viciados em drogas e/ou profissionais do sexo, ficou inferido que apenas essas pessoas eram acometidas pelo vírus, mas as memórias sobre esses pais mostram que outras práticas sexuais e estilos de vidas também foram afetadas pela epidemia. Essas publicações não só fazem emergir memórias quase apagadas de vítimas dessa epidemia, mas também revelam o constrangimento que era ser próximo a alguém que faleceu de Aids devido ao estigma propagado pelos grupos de riscos definidos pela medicina da época. Timerman e Magalhães (2015) relatam pedidos de alteração da causa da morte no laudo, que não só partiam de familiares, mas também de pessoas soropositivas que estavam nos seus últimos dias vida.

A terceira categoria, as *trivialidades da vida* (3), evidencia a pluralidade de experiências dos que viveram com o vírus²⁵. Eram pessoas comuns, entre eles havia um barista,

²³ Domitila Andrade. Quando o Brasil enxergou a Aids na década de 1980. O Povo, 05 de julho de 2020. Disponível em: [https://mais.opovo.com.br/jornal/dom/2020/07/05/quando-o-brasil-enxergou-a-aids-na-decada-de-1980.html#:~:text=quando%20a%20matéria%20da%20revista,momento%20como%20qualquer%20pessoa%20viva".](https://mais.opovo.com.br/jornal/dom/2020/07/05/quando-o-brasil-enxergou-a-aids-na-decada-de-1980.html#:~:text=quando%20a%20matéria%20da%20revista,momento%20como%20qualquer%20pessoa%20viva) Acesso em: 9 de agosto de 2023; Walter Felix. 70 anos de Sandra Bréa, estrela da Globo que virou símbolo da luta contra Aids. Portal Uol, 31 de maio de 2022. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/2022/05/31/70-anos-de-sandra-brea-estrela-da-globo-que-virou-simbolo-da-luta-contra-aids-182419.php>. Acesso em: 9 de agosto de 2023.

²⁴ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/cqd8kryovz9/> (Francisco Robério, 1963 - 2004, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqll2umol1d/> (Patricia Maria Berro, 1963 - 2021, SP), <https://www.instagram.com/p/cqrvt-bio3v/> (Alvear José Lenzi Júnior, que faleceu em 1993, RS), <https://www.instagram.com/p/crtmwlxof8l/> (Isoleida Moreira Alves, 1968 - 2016, RS), <https://www.instagram.com/p/cqobhwhixu6/> (Ailton Blanco, 1949 - 1988, SP) e <https://www.instagram.com/p/crmgyimibfa/> (Carlos Nobre e Silva, 1961 - 1988, PE, e Elzani Ferreira de Araújo e Silva, 1959 - 1990, PE). Acesso em: 21 de junho de 2023.

²⁵ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/cqelhehi64i/> (Carlos Henrique Martins, 1963 - 1994, SP), <https://www.instagram.com/p/cqgxxdliwrn/> (Euclides Francisco de Paula, 1959 - 1991, SP), <https://www.instagram.com/p/cqgonigieyb/> (Andrea Philippe Regard, 1965 - 1991), <https://www.instagram.com/p/cqj8fuyiwej/> (John Teixeira, que faleceu em 1994), <https://www.instagram.com/p/cq8edwziw9a/> (Alfredo Soares, 1959 - 1999, RS), <https://www.instagram.com/p/crweb4gobdu/> (Michele Alves, 1968 - 2011, RJ) e <https://www.instagram.com/p/crg0ynridar/> (Martins Ferreira, 1973 - 2013, RJ). Acesso em: 23 de junho de 2023.

um professor de inglês, um florista, um DJ e uma *drag queen*. Além de suas carreiras, eles tinham seus próprios modos de aproveitar a vida, como assistir filmes, ir a festas, viajar, passar o tempo em cafeterias ou atuar como militantes. Todos tinham sonhos e motivações distintas para suas vidas, além de serem cercados de familiares e amigos.

Sontag (1989) descreve um cenário no qual as vítimas dessa doença eram tidas como pessoas ruins e, por isso, culpadas por seu problema de saúde. Porém, essas histórias apresentam pessoas comuns, trabalhadores, sonhadores e integrantes de redes de afetos. Há um deslocamento na história, do qual esses perfis são uma evidência, um sintoma, não a causa. De origens distintas e futuros incertos, a memória sobre essas pessoas evidencia o que há muito já afirmam: qualquer um está suscetível a essa doença, não há um caminho ou um rosto para o vírus da Aids.

A penúltima categoria, os *estigmas vividos* (4), visa apontar algumas das violências decorrentes de uma época dominada pelo moralismo cristão heteronormativo²⁶. Além dos nomes alocados nessa categoria, quase todas as memórias abordadas neste trabalho relatam algum tipo de violência sofrida por essas pessoas, essa parece ser uma característica dominante entre elas, algumas memórias ilustram bem como os estigmas afetam a vida dessas pessoas. Alguns amigos e familiares se afastaram de Marcos Lacerda e Gilcimar Ferreira. Outros, como Carlos, viveram em silêncio e esconderam seu diagnóstico com medo da reação das pessoas que os amavam. Até mesmo durante a suspeita de HIV, por medo, Eduardo Dias demorou e só fez o teste quando já estava debilitado.

Essas memórias mostram o silêncio isolador que dificulta todo o processo de compreensão e aceitação da doença, fazendo com que tenham atitudes autodestrutivas, como não aderir ao tratamento, se recusar a fazer o teste em casos de suspeita e até mesmo se afastar dos seus laços afetivos. Além dessas violências, como descreve Trevisan (2018) e Parker e Daniel (2015), instituições como os meios de comunicação, o sistema de saúde e os setores políticos produziram e reforçaram inúmeras violências também. Parece que é particularmente a partir das violências e dos estigmas que os movimentos contra a memória cultural da época surgiram, inclusive os empenhos coletivos posteriores ao ápice da epidemia, como é o caso do *The Aids Memorial*.

Por fim, a quinta categoria, os *sobreviventes do vírus da Aids* (5), pretende trabalhar um dos maiores desafios enfrentados pelos primeiros acometidos por esse vírus: sobreviver a ele. Essa categoria se dedica, principalmente, ao post feito pelo ator e ativista Evandro Manchini²⁷, que vive há 7 anos com HIV. Outras duas memórias já citadas em outras categorias, a de Patricia Berro e de Florian Raiss, também

²⁶ Disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/cqcapqciwun/> (Marcos Lacerda, que faleceu em 1985, SP), <https://www.instagram.com/p/cqoxcn6ilks/> (Gilcimar de Souza Ferreira, 1980 - 2004, RJ), <https://www.instagram.com/p/cqwxyolimsg/> (Carlos, 1960 - 2003, SP), <https://www.instagram.com/p/cqzf4f8omsu/> (Eduardo Dias, 1968 - 2008, PR) e https://www.instagram.com/p/cqq46inowm_/ (irmão de Angela falecido em 1992, DF). Acesso em: 25 de junho de 2023.

²⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/cqgbtos9w/>. Acesso em: 28 de junho de 2023.

apresentam histórias sobre pessoas que viveram com o vírus, mas não faleceram em decorrência dele.

A morte era tida como o único destino dos afetados pelo HIV. Os números de mortes em decorrência da Aids, constantemente atualizados nos noticiários, eram oráculos para uma morte sempre à espreita prestes a se concretizar, mas com o passar dos tempos, esse destino passou a não ser tão previsível. Como consequência dos avanços no tratamento e na prevenção da Aids, muitas pessoas passaram a viver com o vírus e falecerem de fatores não relacionados à Aids. Entre 2011 e 2021, o coeficiente de mortalidade padronizado de aids caiu de 5,6 para 4,2 por 100.000 habitantes (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

De fora desses números está Evandro Manchini. O ator sabe desse diagnóstico desde seu aniversário de 2015. Ele faz parte das cerca de 40.000 pessoas que convivem com o HIV no Brasil (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). A partir de sua experiência, Evandro relata a importância de abordar a doença de maneira consciente através do diálogo sobre ela, indo contra a ideia da Aids ser uma doença de uma ou outra pessoa, mas de toda a sociedade. Para ele, isso ajuda a combater o isolamento e o silêncio causado pelos estigmas construídos em torno desse vírus.

As categorias aqui analisadas destacam memórias construídas a partir de pensamentos e questões de um presente em devir. Tendo como referência a memória cultural, essas categorias torcem lógicas constituídas ao longo da década de 1980 que ainda ecoam nas violências sofridas por pessoas soropositivas hoje. Essas memórias destacam a importância de se falar sobre a doença e seu diagnóstico sob múltiplos olhares e vozes. Elas também desmistificam a ideia de que o vírus estaria atrelado a alguma identidade ou comportamento específico. Além disso, as memórias aqui tratadas desnaturalizam a ideia de que as pessoas soropositivas seriam perigosas e tinham comportamentos imorais que acarretaria em uma morte certa. Portanto, essas publicações trabalham as memórias e, consequentemente, reescrevem a história.

Considerações Finais

Diante dos conceitos de memória comunicativa e memória cultural, foi possível restituir os primeiros anos da epidemia da Aids e contrastar essas antigas lembranças com as novas memórias disponíveis no *The Aids Memorial*. Se na década de 1980 os jornais construíram uma memória estigmatizante que relacionava a doença a práticas e identidades tidas como degenerativas e, por isso, descartáveis, desde 2016, através de um perfil do Instagram, pessoas puderam constituir redes de resistência contra os estigmas e violências que pessoas soropositivas enfrentam em decorrência da memória constituída no fim do século XX.

A partir disso, é possível perceber uma dinâmica cumulativa e efetiva nessas memórias sobre a Aids. Descritas por Assmann (2011), a característica cumulativa da memória é uma capacidade humana evidenciada a partir do advento da escrita que constitui um depósito de provisões, chances perdidas e alternativas possíveis para a memória efetiva. Esta, por sua vez, diz respeito ao processo de seleção, associação e constituição de sentido orientado ao futuro, que só pode ser desejado a partir de valores compartilhados e acionados por grupos.

É possível perceber essas dinâmicas nos dois objetos trabalhados nesta pesquisa. A característica cumulativa dessas memórias ganha destaque a partir dos registros jornalísticos e dos estudos que abordam o início da epidemia da Aids, enquanto o perfil do *The Aids Memorial* evidencia uma verdadeira efetivação das memórias. Como aponta Assmann (2011), essa relação de coexistência possibilita novos caminhos para a memória constituída até então. É a partir dessa relação que é possível descrever as ressonâncias e os repositionamentos causados pelo *The Aids Memorial* no dispositivo da Aids no Brasil.

Esse dispositivo foi constituído a partir da estigmatização e da violência contra as 203.353 pessoas que foram acometidas pelo vírus da Aids entre 1980 e 2000 (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001). O desprezo social direcionado a esses indivíduos de diferentes idades, gêneros, sexualidades, classe sociais e raças, resultou na morte de 100.494 pessoas (BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001). Foram esses números que constituíram a urgência histórica que fez emergir o *The Aids Memorial*.

Tendo em mente tais estigmas disseminados na década de 1980, a partir de um trabalho coletivo e voluntário, pessoas compartilharam suas lembranças no Instagram para refratar as memórias sobre a Aids, e assim o próprio dispositivo, em diversos sujeitos e experiências. Isso contribui com a desestruturalização do moralismo cristão e científico que, no início, através dos meios de comunicação da época, direcionaram suas

violências para corpos já muito desumanizados pela igreja e os laboratórios higienistas. Por conta dos ecos dessas violências, a partir do *The Aids Memorial*, amigos, amantes, familiares e pessoas soropositivas viram a necessidade de se juntar ao movimento político da Aids, já bem movimentado desde o início da epidemia, para exigir respeito, dignidade e assistência aos que vivem com o vírus.

Essa dinâmica entre memória cultural e comunicativa, evidencia um jogo entre poder e resistência que, para além de desestabilizar e atualizar o dispositivo da Aids, deixa evidente a importância de lembrar o passado para combater, hoje, as violências que nele foram construídas, mas que para o futuro não cabem mais.

{REFERÊNCIAS}

- ASSMANN, A. Memória funcional e memória cumulativa — dois modos da recordação. In: ASSMANN, A. (Ed.). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011. cap. VI, p. 143 – 158.
- ASSMANN, J. Memória comunicativa e memória cultural. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 115 – 127, Janeiro/Junho 2016. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 20 jun 2023.
- BARBOSA, L. L. A Aids perante o direito. *Revista de informação legislativa*, v. 30, n. 118, p. 473 – 490, Abril/Junho 1993. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/176145>. Acesso em: 26 jun 2023.
- BORNHAUSEN, D. A.; BAITELLO JUNIOR, N. A memória midiática: projeções e sujeições no ambiente digital. *Comunicação mídia e consumo*, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 552 – 573, Setembro/Dezembro 2018. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1599>. Acesso em: 24 jun 2023.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico Aids*, 2001. Disponível em: <http://antigo.aids.gov.br/pt-br/pub/2001/boletim-epidemiologico-aids-2001>. Acesso em: 02 jul 2023.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*, Editora MS/CGDI, Brasília, Dezembro 2022. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/boletim_hiv_aids_-2022_internet_31-01-23.pdf. Acesso em: 29 jun 2023.
- DANIEL, H.; PARKER, R. AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas. Rio de Janeiro: ABIA, 2018. 143 p. Disponível em: http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2018/12/aids_a_terceira_epidemia_web.pdf. Acesso em: 12 Set 2021.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020. v. 1. 176 p. (História da Sexualidade, v. 1).
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021. 432 p.
- GALVÃO, J. 1980-2001: uma cronologia da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 2002. v. 2. 30 p. (Coleção ABIA - Políticas públicas, v. 2). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/crt-1654>. Acesso em: 01 Jun 2023.
- GARDE-HANSEN, J. Using media to make memories: institutions, forms and practices. In: GARDE-HANSEN, J. (Ed.). *Media and memory*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011. cap. 3, p. 50 – 69.
- GREEN, J. N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. 552 p.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- NEIGER, M.; MEYERS, O.; ZANDBERG, E. On media memory: editors' introduction. In: NEIGER, M.; MEYERS, O.; ZANDBERG, E. (ed.). *On media memory: collective memory in a new media age*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. cap. Introdução, p. 1 – 24.
- PARKER, R. Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002. 384 p.
- QUINALHA, R. Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. (Coleção Ensaios).
- SANTOS, L. de F.; COSTA, D. P. da; GOMES, S. H. de A. Poder e resistência na invenção midiática da homossexualidade no Brasil. Afluente: Revista de Letras e Linguística, Bacabal, v. 8, n. 23, p. 253 – 276, Junho 2023. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/21505>. Acesso em: 29 jun 2023.
- SILVA, H. R. da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425 – 438, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kyjmJTTTrkQy9w9RD6DdTBFw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun 2023.
- SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SONTAG, S. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- TIMERMAN, A.; MAGALHÃES, N. *Histórias da Aids*. São Paulo: Autêntica, 2015.
- TREVISAN, J. S. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 552 p.

Texto enviado em: junho de 2025
Texto aceito em: outubro de 2025

{...}